



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

## REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: VIVÊNCIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR

*Marcone Pereira dos Santos, Edgar Rocha de Souza Neto, Tatiane de Lucena Lima.*

*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)*

E-mails: marconysantos94@gmail.com; edgarrocha217@gmail.com; [tlucena.ead@gmail.com](mailto:tlucena.ead@gmail.com)

### Resumo

Este artigo buscou analisar a percepção de docentes e gestores do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana sobre a prática de extensão universitária que aborda a violência de gênero na escola. A pesquisa de natureza qualitativa e exploratória visa o aprofundamento da temática da violência de gênero a partir de vivências resultantes da extensão sobre a percepção da comunidade escolar sobre as implicações curriculares/formativas do projeto desenvolvido durante os anos 2020 e 2021. A metodologia do projeto envolveu planejamento, diagnóstico e intervenções pedagógicas por meio de palestras, rodas de conversa, cine debate. O projeto promoveu sensibilização da comunidade escolar sobre gênero e interseccionalidades, possibilitou o diálogo sobre violência de gênero; visibilizou os estudos de gênero dentro e fora da universidade; demonstrou a necessidade de integrar a família nas ações da extensão e apontou desafios para superação das dificuldades em etapas futuras do projeto.

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Escola. Extensão Universitária.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a percepção de professores/as e gestores do Centro de Educação Básica (CEB) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na Bahia, sobre a prática extensionista desenvolvida pelo Núcleo de Estudo Interdisciplinares sobre Mulheres e Relações de Gênero (Mulieribus/UEFS) e as implicações curriculares-formativas dessa prática na escola. Para tanto, buscou-se identificar a percepção sobre violência de gênero da comunidade escolar e identificar as implicações formativas, resultantes da extensão universitária na escola.

A extensão é entendida como articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade local visando a transformação social. O projeto de extensão em questão é desenvolvido na área de gênero, conceito este que “[...] pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’” (LOURO, 1997, p. 22). Contudo, essa designação evidencia

a importância de não reduzir o sexo biológico ao gênero, pois ele é uma construção social, no qual o indivíduo se porta nas relações sociais, da forma que se identifica, sendo do sexo masculino ou feminino.

Para (SCOTT, 1995, p. 86) a definição de gênero “[...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Por isso, não pode ser pensado como categoria isolada de análise ou de um estudo que aborda a diversidade, sendo necessário abordá-lo na perspectiva da interseccionalidade. Akotirene (2019, p. 19) aponta a interseccionalidade como uma “[...] instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtos de avenidas identitárias em que, por exemplo, no estudo sobre mulheres negras precisam ser feitos considerando o cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe.

Quando a escola não tem uma perspectiva crítica de ensino e não está atenta a situações de violências de gênero reproduzidas em seus espaços, seja ela física ou simbólica, o seu currículo tende a reforçar as manutenções das relações conflituosas de gênero. É preciso, pois, construir um currículo que contribua com a construção do conhecimento crítico, democrático e que respeite as múltiplas identidades.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de natureza qualitativa e exploratória visa o aprofundamento da temática da violência de gênero a partir de vivências resultantes da extensão sobre a percepção de professores/as e gestores escolares e as implicações curriculares/formativas do projeto desenvolvido durante os anos 2020 e 2021 no Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia. A metodologia do projeto envolveu planejamento, diagnóstico e intervenções pedagógicas por meio de palestras, rodas de conversa, cine debate.

Apesar do projeto de extensão “Trabalhando violência e gênero nas escolas”, ser desenvolvido desde 2013, foi realizado um recorte dos anos 2020- 2021, no qual foi utilizada a pesquisa bibliográfica para melhor compreender as vivências resultantes da extensão junto a estudantes, docentes, coordenadores e gestores escolares do CEB.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Durante as vivências na extensão, observamos uma visão generalista sobre os termos “violência” e “gênero”, embora se reconheça a necessidade de diferenciar a identidade de gênero da identidade sexual do indivíduo. Esse conhecimento, decerto, leva a efeito a compreensão de que assumir a identidade de gênero envolve processos de liberdade, escolhas, autonomia, sobretudo, numa sociedade machista e homofóbica como a nossa.

As percepções sobre violência de gênero compreendem dispositivos de poder entre gêneros e seus efeitos é fundamental para que professores/as possam identificar possíveis conflitos que se materializam como violência na escola. Lembrando que existem vários tipos de violência, seja ela: física, psicológica, simbólica, sexual, patrimonial ou moral. Ocorrem em diferentes âmbitos e instituições, seja na família, nas instituições jurídicas, nas escolas, nas universidades, nos espaços profissionais e na esfera social em geral. Basta ler noticiários para atestar o quanto as mulheres são alvo de violências. Segundo a Organização Mundial de Saúde, uma a cada três mulheres em todo o mundo já foram vítimas de violência física ou sexual durante sua vida (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021). Para Saffioti (1987), a violência de gênero “[...] é tudo que tira os direitos humanos numa perspectiva de manutenção das desigualdades hierárquicas existente para garantir obediência, subalternidade de um sexo a outro.

Por motivação das vivências da extensão, a escola idealizou e executa, de forma contínua, o projeto Respeita as Minas, que é protagonizado pela comunidade escolar, especialmente pelas meninas, na discussão de temas como violência de gênero, masculinidade tóxica e empoderamento feminino. Percebemos que as ações pertinentes às questões de gênero fazem parte do calendário escolar, inclusive compõem o Projeto Político Pedagógico do CEB, tanto no currículo formal através das disciplinas, quanto

de forma transversal no currículo. Nesse sentido, o Conselho Nacional de Educação (CNE) abordou amplamente sobre a transversalidade no Parecer Nº 7, de 7 de abril de 2010:

A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real [...]. (BRASIL, 2010, p. 24).

Os temas transversais são temas emergentes socialmente que devem ser tratados por pressupostos científicos e éticos por via de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e multicultural. Percebemos, por meio das oficinas, que a comunidade escolar já vivenciou situações de violência de gênero na escola e na comunidade, principalmente por meio do bullying.

O bullying se configura em um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas como, por exemplo, implicância, discriminação e agressões verbais e físicas, sendo praticado por meninos e meninas (SILVA, 2010). Muitas das “brincadeiras” entre meninos e meninas envolvem discriminações raciais e religiosas; por outro lado, as “brincadeiras” generificadas e sexualizadas, que ocupam diferentes espaços da escola estão amparadas em uma visão tradicional dos gêneros pela ótica histórica do cisheteropatriarcado.

Nas atividades extensionistas realizadas, a gestão escolar sempre evidenciou a importância do apoio da extensão universitária ao compartilhar conhecimentos sobre o tema, fortalecendo as ações sobre gênero e educação na escola. Nesse sentido, é sabido que gênero é uma temática ainda omissa no curso de formação de professores, o que gera insegurança e falta de conhecimento de docentes para trabalhar essas questões. Compreendemos que há uma escassez de elementos teóricos críticos e de uma sólida formação político-pedagógica que subsidie os/as professores/as para uma prática antissexista. Muitos deles/as, quando o fazem, abordam de forma intuitiva. Para Bloedow e Guizzo (2014, p. 31-32) há “[...] uma grande carência nas discussões em torno dos temas relacionados a gênero e sexualidade nos cursos de formação de profissionais da educação, o que dificulta a problematização de situações emergidas na escola”.

Na escola investigada, além do projeto “Respeite as minas”, também é executado o projeto “Combate a homofobia”, ambos fortalecidos pela extensão. O currículo, assim concebido, torna-se um “[...] instrumento privilegiado por meio do qual propostas e práticas multiculturalmente orientadas vêm sendo e podem ser implementadas no país, tanto no sistema formal de ensino como em projetos que correm em paralelo ao sistema oficial” (MOREIRA, 2001, p. 89).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão em questão promoveu sensibilização da comunidade escolar sobre gênero e interseccionalidades, possibilitou o diálogo sobre violência de gênero, contribuiu para desconstrução de velhos paradigmas sobre mulheres e masculinidades; visibilizou os estudos de gênero dentro e fora da universidade; demonstrou a necessidade de integrar a família nas ações da extensão; suscitou a necessidade de ampliar as ações deste projeto desenvolvido no CEB para outras escolas da região de Feira de Santana; e apontou novos desafios para superação das dificuldades em etapas futuras do projeto.

As disputas de territórios entre os gêneros nos espaços sociais e escolares não deve alimentar a desesperança de que relações democráticas e igualitárias sejam realidade. Caso contrário, estaremos marginalizando corpos que não se encaixam no padrão social forjado, no dizer de Akotirene (2019), por modelos impostos pelo cisheteropatriarcado, racismo e capitalismo. A escola é justamente o espaço capaz de repensar as desigualdades e intervir no sentido da sua desconstrução.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

BLOEDOW, Alice Maria Ulrich; GUIZZO, Bianca Salazar. Jovens contemporâneos e que educação sexual? In: VII Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero, 2014. *Anais do VII Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero*, 2014. p. 31-32.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010. *Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 12 abr. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000300007>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-128, jan./mar. 2013.